

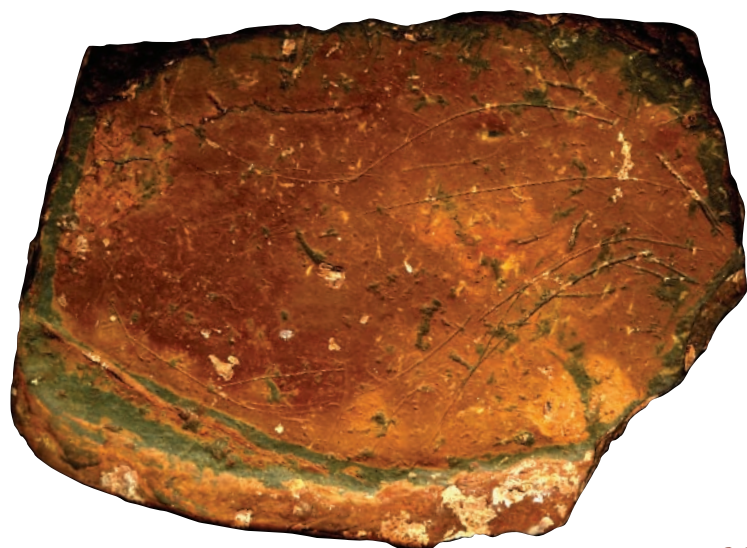
# Vale de Boi Revisitado

É o maior sítio arqueológico do Paleolítico Superior em Portugal. Regista ocupações regulares entre 25 mil e 6 mil anos antes do presente. Neste intervalo, um abrigo rochoso em Vale de Boi, a poucos quilómetros de Vila do Bispo, foi escolhido por caçadores-recolectores provavelmente porque, a uma centena de metros, teria existido uma lagoa de ligação ao mar, que alteraria o teor salino da água e que funcionaria como pólo de atracção para os animais. Do abrigo, num ponto mais elevado da serra, seria possível visualizar e caçar as presas que ali iam beber. O abrigo contém pistas inéditas sobre as trocas culturais a que estas comunidades se dedicavam. Actualmente, a estrutura só pode ser reconstituída digitalmente, uma vez que a pala semicircular, que fornecia protecção ao local, tombou há vários milhares de anos. A informação recolhida pela equipa do arqueólogo Nuno Bicho permitiu a reconstituição rigorosa do sítio arqueológico de Vale de Boi, tal como ele terá sido há cerca de 20 mil anos.



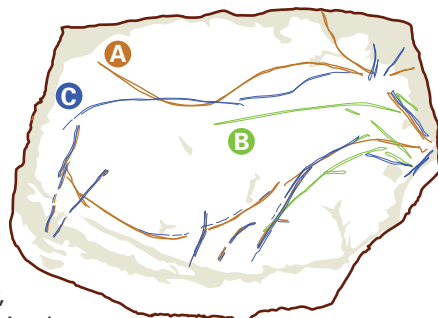
ARTE: ANYFORMS  
FONTE: NUNO BICHO (UNIVERSIDADE DO ALGARVE)





Nesta placa gravada do Solutrense (cerca de 20 mil anos), identificaram-se pelo menos três figuras animais – um auroque, uma cabra selvagem e um cavalo. As imagens, sobrepostas na palca, estão decompostas em baixo.

ARTE: NGM-P  
BASEADO NA RECONSTITUIÇÃO DE  
INVESTIGADOR ESPANHOL E  
INVESTIGADOR ESPANHOL



Não é necessária muita imaginação para especular sobre os motivos que terão levado comunidades sucessivas de caçadores-recolectores a instalarem-se nesta elevação. Do topo do abrigo, perscrutam-se quilómetros em todas as direcções. O mar dista uma centena de metros, e os registos geológicos revelam que, no Paleolítico Superior, existiria uma lagoa nas proximidades, pelo que qualquer animal que se dirigisse à fonte de água potável teria de caminhar pelo canhão de acesso, a algumas dezenas de metros do abrigo.

Há cerca de 20 mil anos, no auge do último máximo glacial, quase toda a superfície europeia estava debaixo de gelo, provocando migrações sensíveis de espécies para sul. O Sul da Península Ibérica constituiu uma excepção, pois raramente terá estado sob um manto gelado. Na região, as características de fauna e flora não se alteraram particularmente durante este período. É por isso que a vegetação e a fauna actuais do Algarve são relativamente semelhantes desde então, pese embora o natural desaparecimento das espécies de animais de grande porte, provocadas pelo homem.

Nuno Bicho, arqueólogo da Universidade do Algarve e bolseiro da NATIONAL GEOGRAPHIC SOCIETY, descobriu o sítio arqueológico, juntamente com outros colegas, numa campanha de prospecção de 1998. Como este, identificou outros sítios promissores na zona costeira do Algarve, mas provavelmente não adivinharia que dedicaria boa parte dos nove anos seguintes a Vale de Boi.

Com quase cem metros de comprimento, num declive com 20 metros de variação, o sítio arqueológico é maior do que o tradicional (13 mil metros quadrados). “Mais importante do que a dimensão do sítio, é a preservação orgânica que, neste caso, foi muito razoável. É raro em Portugal escavar um sítio arqueológico

de ar livre com esta capacidade de preservação orgânica e de ossos”, diz o investigador. No local, poderão ter convivido mais de uma dezena de indivíduos. Na zona superior, mais plana e sob a cobertura da pala de calcário, a escavação identificou ocupações quase contínuas. Nas zonas menos elevadas, no declive, já se identificaram três áreas de despejo de lixo, zonas onde se acumulam materiais orgânicos e não orgânicos abandonados pelos residentes e que contém uma torrente de informação.

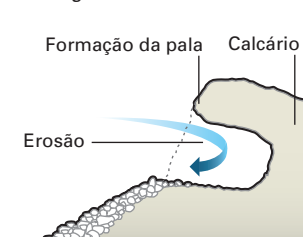
“Sabemos hoje que, há cerca de 25 mil anos, boa parte da dieta desta comunidade era à base de recursos marinhos, o que não é frequente em nenhum sítio arqueológico do mundo deste período”, diz Nuno Bicho. “Lapa, berbigão, amêijoia e mexilhão. A proximidade do mar tornava abundantes estes recursos.”

No contexto da arqueológica da pré-história em Portugal, a descoberta de grandes quantidades de artefactos de osso não é muito invulgar. Mas a equipa de Nuno Bicho pasmou com a descoberta de pontas de flecha do Solutrense (cerca de 20 mil anos) com claras afinidades culturais com as dos grupos do mesmo período que viviam entre Gibraltar e Valência.

“Esperávamos que estas comunidades partilhassem tecnologias com grupos que viviam na actual Estremadura portuguesa, mas temos agora bons motivos para acreditar que estes grupos do Algarve tinham mais relações sociais com regiões ocidentais do que com grupos geograficamente mais próximos, a norte”, explica o arqueólogo. A semelhança dos materiais e das técnicas de criação parece suportar a tese da agregação de determinadas comunidades no contexto paleolítico, unidas por laços culturais e que pontualmente se reuniriam. Pela sua dimensão, Vale de Boi poderia ser um desses locais de agregação.

Sistematicamente, os arqueólogos experimentados preferem refrear as expectativas dos jornalistas quando se fala em achados espectaculares. Em Vale de Boi, porém, é o próprio Nuno Bicho que admite que há um achado que se destaca dos demais. Uma pequena placa gravada, com menos de 20cm de largura, é o motivo do alvoroço. Foi descoberta praticamente intacta e apresenta, pelo menos, três desenhos sobrepostos de herbívoros com os quais estes caçadores-recolectores conviviam regularmente. “No contexto da arte móvel do Paleolítico, a placa conta uma história que não conseguimos escutar”, explica Nuno Bicho. Para que serviria? É difícil dizer. Talvez para anotar boas caçadas. Talvez tivesse uma função ritual. Para já, é mais um elemento de um puzzle com largos milhares de anos e cuja investigação terá novo capítulo no próximo Verão. — *Gonçalo Pereira*

**Por força do vento**  
Em maciços calcários, a erosão gerou condições para a constituição de abrigos como o de Vale de Boi



A pala semicircular terá tombado há alguns milhares de anos



ARTE: ANYFORMS  
FONTE: NUNO BICHO (UNIVERSIDADE DO ALGARVE)

### Fauna de grande porte

As sucessivas campanhas revelaram a diversidade faunística da região. “Não há grandes variações de espécies entre os vários períodos”, diz Nuno Bicho. “Demos conta, todavia, de alterações na

frequência de cada espécie. O coelho, por exemplo, torna-se raro nos períodos frios.” Entre os animais identificados, contam-se cavalo, auroque, cabra, veado, lobo, raposa, urso e asno. Com menos

frequência, há coelhos, aves, marisco e alguns mamíferos marinhos. “Encontrámos três ossos, que seriam de golfinho ou baleia. Pela escassa frequência, terão sido animais que deram à costa”, diz.